editorial

Supor a existência de "escolhas" na vida, na morte e no sexo implica de imediato, como mostra Lacan, a introdução de uma escolha anterior, primordial, como fato de estrutura. Nomeada como "forçada", ela indica que não se trata de qualquer escolha nos moldes de um possível "livre-arbítrio". Ao contrário, sendo por essência perdedora, assinala o encontro de duas mortes, aquela da reprodução sexuada pelo qual todo vivo perde parte de si e a dependência do sujeito aos significantes do Outro. A metáfora "a bolsa ou a vida" indica que não existe vida que não seja decepada pela entrada na linguagem.

Neste número de *Stylus*, o leitor encontrará artigos inéditos e bem formalizados que discutem as escolhas na vida, na morte, no campo social, na toxicomania, no sexo, assim como os efeitos da escolha na direção do tratamento.

Na abertura desse interessante debate, temos duas conferências de Colette Soler sobre a angústia que tocam diretamente o tema da escolha. A primeira retoma a tese lacaniana de que a angústia, ao contrário de todos os outros afetos, é amarrada. Soler trabalha essa amarração na civilização e na análise, indicando que o discurso capitalista atual, ao reduzir o sujeito ao objeto, provoca mais irrupções de angústia. Malgrado a análise também promova o surgimento da angústia e da destituição subjetiva, ela mobiliza, à diferença do discurso capitalista, o objeto *a* no campo do Outro. Na segunda conferência, a ênfase incide sobre a clínica diferencial da angústia na partição sexual. Retomando algumas teses lacanianas concernentes à castração, Soler aborda sob óticas diversas o porquê da angústia incidir de maneira muito mais fecunda nas mulheres que nos homens.

Na seção *Trabalho crítico com os conceitos*, Ângela Mucida retoma a concepção de velhice como destino, versa sobre sua relação com o conceito de escolha e localiza a questão da eutanásia à luz do caso Freud. O que dizer da eutanásia involuntária e da legalização sobre o direito de vida e morte? Como determinar a intencionalidade do ato médico, sempre passível de erros de diagnóstico e de prognóstico? Que é o impossível da vida quando estão em jogo o sujeito e a pulsão? Qual a relação entre eutanásia, escolha e ato?

Em *As escolhas da subjetividade de nossa época*, Marie-Jean Sauret focaliza o laço da subjetividade de nossa época com base no conceito de escolha, na teoria de laço social e no discurso do capitalista, tal como formalizados por Lacan. Interroga, problematizando, o sentido da escolha no contexto atual e ainda se o passe não seria um sintoma de resistência "aos perigos que a contemporaneidade leva ao coração da própria psicanálise".

Por fim, Bernard Nominé expõe algumas teses que buscam distinguir o ato analítico, a tarefa analisante e o "fazer analítico" a partir do conceito de ato psicanalítico de Lacan nos anos 1966-1968. Valendo-se das operações do grupo de Klein para pensar os conceitos de alienação, separação e ato, o autor problematiza a proposta de Lacan: o analista, porque situa seu ato pela topologia ideal do objeto *a*, só opera sob a forma do "eu não penso".

Em *Direção do tratamento*, três textos expõem a problemática da escolha na clínica e seus efeitos sobre a direção do tratamento. Ângela Diniz Costa problematiza a escolha sexual em um fragmento de uma história clínica, bastante instigante, de uma homossexual feminina. A autora assinala como o consentimento com o campo do Outro – identificação com os significantes do Outro – tem efeitos visíveis na forma como esse sujeito trata sua escolha sexual. Maria Helena Martinho focaliza como a escolha incide no drama histérico, ao apontar para o não-senso e a divisão, expondo alguns de seus efeitos (sofrimento, sentimento de vazio, escravização pelos significantes do Outro) em um caso clínico de histeria em que a entrada em análise se dá pela escolha do sentido. Fulvio Marone, por sua vez, retoma o caso clínico *O Homem dos lobos* para problematizar o diagnóstico feito por Freud sob o valor do fantasma anal (neurose obsessiva) e os comentários de Lacan que priorizam o fantasma escópico – o olhar fascinado dos lobos é o próprio sujeito –, indicando que essa escolha tem efeitos decisivos na condução do tratamento e que, assentando-se entre diferentes objetos do fantasma, repete a escolha de estrutura.

Na seção *Entrevista*, temos um diálogo instigante entre Oscar Cirino e Fernando Grossi sobre a escolha da droga. Ao instaurar uma relação de objeto fora da castração e provocar uma ruptura com a ordem fálica, essa escolha se posta fora da alienação fundamental. Trata-se de uma relação que não se deixa captar pelas interpelações do outro sexo: "a garrafa jamais coloca questões ao sujeito, pois será sempre a mesma, estará sempre à disposição". A complexidade da escolha da droga impõe à psicanálise questões importantes quanto à con-

dução do tratamento, indicando que aí não se trata da busca de um sentido. A entrevista versa ainda sobre a toxicomania no campo das neuroses e das psicoses.

O leitor pode usufruir ainda de indicações precisas de três obras, duas das quais publicadas neste ano. Sônia Alberti apresenta o novo livro de Antonio Quinet, *A lição de Charcot*. Ao retomar inúmeras referências históricas da clínica do fim do século XIX, seguidas de uma "peça", *Histeria em quatro atos*, a obra exibe rigorosa pesquisa bibliográfica e assinala o papel político do discurso histérico diante do capital atual e da "histerossomática", suporte da relação do sujeito com a linguagem. Outra obra importante publicada recentemente e composta por dez palestras é a de Dominique Fingermann e Mauro Mendes: *Por causa do pior*. Paulo Marcos Rona demonstra como essa obra, sob diferentes ângulos, propõe um tratamento do pior: a conquista do pior constitui seu atravessamento. O pior em causa é aquele do qual não se pode fugir, pois está implicado na própria constituição do sujeito: "Quanto mais se afasta do pior, mais esse retorna potente". Por fim, Leandro Santos exibe *O dia em que Lacan me adotou: minha análise com Lacan*, de Gerard Haddad, do qual o leitor poderá tirar conseqüências da condução de uma análise por Lacan à luz do relato de um de seus analisantes, bem como interrogações sobre o fim de análise e relatos de passe.

Deixo ao leitor a escolha das trilhas a serem percorridas nessa viagem marcada por letras, proposições, idéias e interrogações, sabendo que o real de cada escrita faz acordar e que seus efeitos são sempre imprevisíveis.

Ângela Mucida